



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DANÇA**

JOSÉ DIONIZIO DOS SANTOS OLIVEIRA

**“AIÁ, OLHE A PISADA!”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
PEDAGÓGICA EM DANÇA POPULAR COM IDOSOS DE
CARMÓPOLIS E DO POVOADO AGUADA**

**Aracaju
2022**



JOSÉ DIONIZIO DOS SANTOS OLIVEIRA

**“AIÁ, OLHE A PISADA!”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
PEDAGÓGICA EM DANÇA POPULAR COM IDOSOS DE
CARMÓPOLIS E DO POVOADO AGUADA**

Relato de Experiência apresentado ao Departamento de Dança da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Dança.

Orientadora: Profa. Dra. Clécia Maria Aquino de Queiroz.

**Aracaju
2022**

“AIÁ, OLHE A PISADA!”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA EM DANÇA POPULAR COM IDOSOS DE CARMÓPOLIS E DO POVOADO AGUADA

JOSÉ DIONIZIO DOS SANTOS OLIVEIRA

Relato de experiência, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Dança, pela Universidade Federal de Sergipe

Aprovado em

____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Clécia Maria Aquino de Queiroz (Orientadora)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Profa. Jussara da Silva Rosa Tavares
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof. Lino Daniel Evangelista Moura
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Dedico este trabalho aos meus familiares sempre presentes e a todos os idosos, que com sorriso de alegria, lágrima de emoção, suor de esforço, corpo cansado, voz rouca de entoar suas canções, fizeram parte da formação deste projeto.

Dedico também à minha avó Generosa dos Santos (In memória), que foi uma das minhas maiores incentivadoras, com seu amor, sua interação e comprometimento dos trabalhos realizados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e todas as forças que existem, mas não podemos explicar.

À minha família, minha mãe Maria José, por fazer o possível para que eu conseguisse realizar este sonho, por apoiar sempre as minhas escolhas de vida e, sobretudo, a minha graduação. Mãe, você é meu exemplo de vida, honestidade e humildade! À minha irmã, Marília Danielle, pela força e companheirismo nos piores e melhores momentos. E – não esquecendo dos meus sobrinhos – à Yasmim Danielle e à José Rafael, que são as luzes da minha vida.

Aos meus tios e tias – aqui representados por minha tia/comadre Elizângela – que sempre se colocaram à minha disposição e estiveram ao meu lado diante do que a vida me ofereceu; e também aos meus primos e primas que levantaram o braço e contribuíram sempre a meu favor nessa jornada universitária.

À Universidade Federal de Sergipe, esse lar de sabedoria, desafios e aprendizados, e especialmente ao Departamento de Dança, que me concedeu a vida universitária, onde pude ter experiências boas e ruins que serviram como aprendizado para a vida.

Aos meus professores queridos, Jussara Tavares, Jonas Carlos, Thábata Liparotti, Bianca Bazzo, Aline Serzedello, Edna Maria, Ana Carolina Frinhani, Renata Cristina, Fernando Davidovitsch, Valéria Simplicio, Paulo Moura, Klelly Perelo, Marcelo Moacyr e, em especial, a Clécia Queiroz, que além de incentivar na escolha do meu tema, ajudou sempre que lhe recorri, e a Daniel Moura, que além de ser um professor maravilhoso, me socorreu e me auxiliou no último momento. Vocês são meus exemplos de profissionais.

Aos grandes amigos da minha vida, Rosamélia, Ginalva e ao grupo de jovens da Juventude Missionária Carmelitana (JUMIC), em especial meus afilhados, que além de serem pessoas humanas maravilhosas e companheiras em vários momentos, me ajudaram imensamente na construção deste trabalho.

À Igreja Católica Paróquia Nossa Senhora do Carmo, que me motivou a realizar as criações artísticas religiosas, elevando a minha fé cada dia mais.

Aos grupos culturais e folclóricos que fizeram parte da minha vida, como a Quadrilha Junina Massacará e a Banda Marcial de Marcha de Carmópolis (BMMC), que juntos puderam me dar a oportunidade de entender o que eu mais gosto de fazer: dançar, criar e tentar buscar sempre o meu melhor naquilo que eu faça com o coração.

À minha amiga/irmã Jussara Soares. Olha você finalmente aqui! Você é a melhor

irmã/amiga e esteve comigo durante todo processo torcendo pela minha vida e ao que o mundo nos ofereceu para vivermos juntos, nos levando sempre a ajudar o próximo.

Aos meus amigos da UFS para a vida, Elaine, Reijane, Luana, Lílian, Thaís, Paula, Sephânia, Tainá, Jainara e Vanderly. Vivemos muitos momentos juntos, alegrias e emoções. Espero que, para além da Universidade, possamos viver outras experiências juntos.

Muito obrigado!

RESUMO

Este trabalho relata a minha experiência pedagógica em dança com pessoas da terceira idade, frequentadoras do Centro de Convivência Maria Maciel de Brito, de Carmópolis e do Centro de Convivência Nilda Garcia dos Santos, do povoado Aguada-Carmópolis, (SE), que envolve um período anterior e posterior à minha entrada no curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe. Nesse percurso, formei com frequentadores dos dois centros a Quadrilha Massacará dos Idosos de Carmópolis e do Povoado Aguada. Para conseguir um diferencial para o grupo, que reunisse elementos das danças culturais praticadas naquele município, utilizei a “pisada” do Batalhão dos Bacamarteiros, grupo tradicional do Povoado Aguada. Os aprendizados obtidos na minha vida universitária foram fundamentais para que eu conseguisse obter esse diferencial. O conteúdo das aulas envolvia práticas corporais de alongamento, improvisação, dramaticidade, estudos de espaço, composição coreográfica e rodas de conversa. As atividades essenciais para a realização da quadrilha junina eram divididas entre os membros, o que fazia com que todos tomassem a responsabilidade para si. O resultado provocou nos brincantes uma desenvoltura corporal e expressiva, empoderamento, identidade com suas culturas locais e o sentimento de pertença em suas comunidades. Para realizar este relato, utilizei como instrumentos metodológicos a observação participante, conversas informais e entrevistas com algumas mulheres brincantes e de pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Dança Popular para Terceira Idade; Quadrilha Junina Massacará dos Idosos, Pisada dos Bacamarteiros de Aguada

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	Casal de Noivos da Quadrilha Junina Massacará.....	15
QUADRO 1	Atividades essenciais divididas entre os membros para a realização da quadrilha	16
FIGURA 2	Quadrilha Massacará dos Idosos de Carmópolis e do Povoado Aguada	17
FIGURA 3	Batalhão de Bacamarteiros / Bairro Gordura (I).....	20
FIGURA 4	Batalhão de Bacamarteiros / Bairro Gordura (II).....	21
FIGURA 5	Batalhão de Bacamarteiros/Chegando na Praça da Igreja Matriz.....	22
FIGURA 6	Batalhão de Bacamarteiros / Rua da Areia	23
FIGURA 7	Ivanete Moura Santos	25
FIGURA 8	Volússia Moura Santos	26
FIGURA 9	Terezinha Ramos dos Santos	27
FIGURA 10	Maria de Fátima Matos	28
FIGURA 11	Raquel Ferreira da Silva	29

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	Error! Indicador Não Definido .
CHEGANDO DEVAGARZINHO NA PISADA	Error! Indicador Não Definido .
QUADRILHA É? - MAS - SA - CA - RÁ - Iê!	Error! Indicador Não Definido .
OLHE A PISADA! PI PIPI PI PIPI	Error! Indicador Não Definido .
HOJE EU VOU EMBORA, NÃO POSSO MAIS FICAR	20
REFERÊNCIAS	Error! Indicador Não Definido .
APÊNDICE	Error! Indicador Não Definido .

INTRODUÇÃO

Este trabalho finaliza o meu ciclo de estudos na graduação em Licenciatura em Dança, na Universidade Federal de Sergipe, trazendo um relato da experiência obtida através do ensino de dança voltado para um público-alvo formado por pessoas da terceira idade, moradoras e moradores de Carmópolis e de um povoado daquele município, o Aguada. Com elas criamos a Quadrilha Massacará de Idosos, utilizando como referência duas manifestações expressivas culturais carmopolitanas: a Quadrilha Junina de Carmópolis e o Batalhão dos Bacamarteiros do povoado Aguada.

Criar uma quadrilha com esse público foi o meio que encontrei para desenvolver a propriocepção, o equilíbrio corporal daquele público, assim como despertar emoções, a alegria, a diversão, além de desenvolver a autoestima e o empoderamento. O trabalho realizado com eles atraiu um público formado não só pelos familiares dos integrantes dos grupos, mas pela comunidade como um todo, que passou a observá-los como cidadãos ativos da vida cultural. Nessas experiências, os idosos mostraram uma verdadeira compreensão e colaboração do viver em grupo e aproveitar bem os momentos que lhes foram proporcionados, com o entusiasmo de se sentirem importantes e necessários às danças que compartilhamos juntos.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso busco trazer minha experiência pedagógica/metodológica com esse grupo de pessoas, a partir das vivências que tive no curso de graduação em Licenciatura em Dança da UFS. Em realidade, aprendi muito nesse processo de ensino-aprendizagem, que me mostrou o quanto essas pessoas têm a ensinar à juventude e o quanto elas podem se expressar através da dança, do movimento, de forma pessoal e única.

Morando na cidade de Carmópolis desde sempre e fazendo parte da construção cultural do município, nunca havia percebido algumas necessidades básicas dos grupos culturais que existiam ali, cujas atividades são favoráveis às pessoas de terceira idade, enquanto protagonistas da dança, praticantes ou brincantes como eles se autodenominam.

O ingresso no Curso de Dança na Universidade Federal de Sergipe me deu acesso à conceitos, usos e funções do patrimônio material e imaterial, e também ao contato com vários grupos folclóricos e de cultura popular do estado. Tudo isso despertou em mim, além da alegria de perceber a potencialidade e riqueza das manifestações populares locais, uma angústia particular em relação à falta de incentivos do poder local aos grupos tradicionais de Carmópolis. Pensei, então, em traçar alguma estratégia que pudesse valorizar o trabalho da

Quadrilha Junina Massacará dos Idosos e criar com eles um tipo de apresentação cênica diferente, que não apenas contasse um pouco das suas histórias, mas que de forma inovadora estivesse relacionado com as danças populares tradicionais. Foi então que me surgiu a ideia de incluir nos passos a “pisada” utilizada pelo Batalhão dos Bacamarteiros, colocando-a para encerrar a quadrilha. Desse modo também estaria valorizando os dois grupos culturais ao mesmo tempo.

O trabalho se mostrou bastante efetivo, e como resultado observei que os idosos se tornaram mais capazes de se expressar através da dança, sobretudo na parte da “pisada”, que se tornou a principal ferramenta de apreciação do público e de motivação para os praticantes, que se tornaram verdadeiros artistas e colaboradores da manifestação cultural carmopolitana. Observo que é justo a “pisada” que parece mais contagia o grupo. Mais ainda, que ela causa em seus brincantes uma satisfação de brincar e uma melhoria da autoestima.

Com base nesses argumentos, volto a reafirmar que o objetivo geral deste trabalho é relatar a experiência na qual utilizei elementos das danças socioculturais praticadas em Carmópolis, especialmente a quadrilha junina e a “pisada” do Batalhão dos Bacamarteiros, para trabalhar com pessoas idosas, em busca de emponderá-las e de criar uma identidade com suas culturas locais e o sentimento de pertença em suas comunidades. Ao lado disso, mais especificamente, procurei estimular a prática das danças das manifestações populares enquanto elementos motivadores e de valorização para pessoas na terceira idade.

Para realizar este relato, utilizei como instrumentos metodológicos a Observação Participante, conversas informais e entrevistas com algumas mulheres brincantes e de pesquisa bibliográfica.

CHEGANDO DEVAGARZINHO NA PISADA

O primeiro contato que tive com os idosos de Carmópolis e do povoado Aguada foi em 2012, através de um convite para ofertar uma oficina de dança nos Centros de Convivência daquelas duas localidades, o Maria Maciel de Brito e o Nilda Garcia dos Santos, respectivamente. Era o primeiro contato com a dança daquelas pessoas, que estavam numa faixa etária acima de 50 anos de idade, a maioria delas oriundas das camadas menos favorecidas da sociedade local, com um professor de dança. Apresentei, então, a minha proposta inicial de trabalho, que era muito aberta, na qual a prática seria realizada de acordo com o que eles também gostariam de desenvolver. Então, fizemos juntos exercícios de alongamento e de consciência corporal para auxiliar no conhecimento dos corpos ali presentes.

Em seguida, fiz com eles uma pesquisa oral acerca do que queriam que fosse compartilhado nas aulas e quais e melhores condições para continuarmos o nosso contato.

Nesse encontro percebi que a melhor maneira de trabalhar a dança com eles, considerando o padrão físico dos corpos, seria utilizar as memórias individuais e as das suas comunidades. E compreendi que o mais evidente e pulsante culturalmente nas duas localidades era a quadrilha junina. Então, nos encontros seguintes passei a trabalhar com eles as danças da região nordestina, principalmente as praticadas nos festejos juninos. E seguindo o roteiro da quadrilha junina, cada vez que chegava a hora do encerramento, eles sempre pediam que cantássemos a música de agradecimento, *Adeus Jacobina*, de autoria de Valdete & seus Cadetes:-

*Hoje mesmo vou embora
Vou embora pra o sertão
Meus colegas me deixaram
Sozinho com o fole na mão
Também deixo meu amor
Ai que dor no coração*

*Adeus Jacobina, até quando eu voltar
Hoje eu vou embora, não posso mais ficar*

*Hoje eu vou embora, não posso mais ficar
Adeus Jacobina, até quando eu voltar*

E na sequência, concluíamos com movimentos da “pisada” utilizada no Batalhão dos Bacamarteiros do povoado Aguada, utilizando uma cantiga de domínio público:

*Quando eu cheguei nesta casa, eu avistei,
Eu perguntei se eu poderia entrar
Quando eu cheguei nesta casa, eu avistei
Eu perguntei se eu poderia entrar*

*Ajoelhado bem mansinho
Guerreiro fazendo pelo sinal
Ajoelhado, bem mansinho
Guerreiro fazendo pelo sinal*

*Olhe a pisada! Pi pipi pi pipi
Olhe a pisada! Pi pipi pi pipi*

E foi justo esse momento final que me fez acreditar que a melhor forma de trabalhar a dança com eles seria utilizar a “pisada”, visto que quando a executavam, não existia dor, nem falta de desejo de participar; apenas alegria, entusiasmo, vontade e força de pisar. Acredito que esse entusiasmo ocorria por duas razões: a primeira, pelo fato de estarem dançando e se

apresentando para uma plateia e a segunda porque o próprio corpo era o instrumento da dança. E, então, a “pisada” do Batalhão dos Bacamarteiros, com os elementos que a envolvem, tiros e trajes, passou a fazer parte da dança da Quadrilha Massacará dos Idosos de Carmópolis e de Aguada, fazendo com que as apresentações fossem mais vivas, mais fortes.

Trabalhei com os dois Centros de Convivência entre 2012 e 2016, sendo exonerado por questões políticas. Em 2017, voltei a trabalhar com eles, mas me distanciei uma vez mais pelas mesmas questões. Infelizmente, com a minha saída, a Quadrilha Massacará dos Idosos paralisou as atividades. Depois veio a pandemia e o país parou e com ele também as manifestações populares. Ela retornou às ruas este ano de 2022, mas de forma improvisada, que desagradou muitos aos seus brincantes. Entretanto, a experiência que obtive ali foi de uma riqueza muito grande para mim, assim como creio que também o foi para seus brincantes. Dentro do período em que estive com eles, destaco que a minha entrada no Curso de Licenciatura em Dança da UFS, em 2015, foi fundamental para que eu conseguisse fazer fluir nos praticantes dos grupos a expressividade, dramaticidade e ludicidade que vieram a alcançar.

Nas próximas sessões tratarei de contextualizar a importância da quadrilha junina para os dois Centros de Convivência em que trabalhei, chamando a atenção para a Quadrilha Junina Massacará de Carmópolis, que inspirou a criação da Quadrilha Massacará dos Idosos de Carmópolis e do povoado Aguada¹. Em seguida me reportarei ao Grupo do Batalhão dos Bacamarteiros, cuja “pisada” passou a ser utilizada na finalização da quadrilha dos idosos.

QUADRILHA É? - MAS - SA - CA - RÁ - Iê!

A festa junina tem suas origens nos povos arianos e romanos da Antiguidade. A população do campo a realizava com o intuito de espantar espíritos maus que causavam a esterilidade da terra, as pestes dos cereais e as estiagens. Os pesquisadores Willian Adão Almeida Ferreira e Flaviana Tavares Vieira Teixeira nos contam sobre as mudanças que ela sofreu, sendo que uma delas foi a sua cristianização pela Igreja Católica, adotando Santo Antônio, São João e São Pedro como seus padroeiros. (FERREIRA; TEIXEIRA, 2022). Os dois autores sinalizam que o significado da festa veio sofrendo variações de acordo com o contexto e do mesmo modo a dança “quadrilha”, sendo que dentro do território brasileiro, ela se tornou popular gerando variações, sendo a quadrilha caipira do interior paulista uma delas (Ibdem, p. 297).

¹ A partir deste momento, me reportarei à Quadrilha Massacará dos Idosos de Carmópolis e do Povoado Aguada apenas como Quadrilha Massacará dos Idosos.

Ainda segundo os autores, a quadrilha tem características de uma contradança que se originou na França e foi trazida ao Brasil no século XIX pela família real portuguesa. Era realizada com quatro ou oito casais que se ordenavam em fila e formavam um quadrado, vindo daí o nome “quadrilha”. Aos poucos foi saindo das muradas do palácio e se popularizou entre burgueses e camponeses do Brasil, assimilando diferentes tradições.

No município de Carmópolis, a Associação Cultural e Social Quadrilha Junina Massacará (ACSQJM), localizada na Rua Ariovaldo de Souza, 217, no Centro, abrange um papel importante para a comunidade, movendo jovens e adultos que mantêm acesa a chama da prática das danças juninas, que irradia os festejos tão aguardados e os lugares que chegam para se apresentar. Os preparativos para esses festejos se iniciam entre os meses de agosto/setembro, e obedecem a uma programação de elaboração das propostas para o ano seguinte, que serão posteriormente apresentadas ao público e a todos os concursos de quadrilhas juninas de Sergipe. Durante esse período, a coordenação da ACSQJM e os membros responsáveis sempre realizam produções, ensaios, confecções de figurinos, construções de cenários e peças que serão aplicadas em suas apresentações.

Essa contribuição da ACSQJM na comunidade do município de Carmópolis, faz com que todo e qualquer público se engaje na manifestação e mantenha-se sempre atento às atividades culturais desta localidade. Nesta perspectiva, trago uma autodefinição da associação, postada em seu blog:

A ASSOCIAÇÃO CULTURAL E SOCIAL QUADRILHA JUNINA MASSACARÁ é uma associação cultural de direito privado, sem fins lucrativos, políticos ou religiosos, distinção de nacionalidade, cor, raça, religião e crenças, com prazo indeterminado de duração e que se destina à execução de atividades culturais, sociais e desportivas, sendo regida por estatuto e legislação específica aprovada em Assembleia Geral convocada para este fim. (QUADRILHA, 2014)

O principal objetivo da ACSQJM é desenvolver e incentivar a realização e a prática de atividades culturais, sociais e esportivas, como também zelar pelo resgate das danças populares tradicionais do nosso país. E foi justamente buscando atender a uma solicitação de pessoas da terceira idade para que fosse feito algum trabalho com elas de valorização dessa cultura, que a ACSQJM me convidou para dar aulas para esse público, visto que, naquela ocasião, eu dançava já há quatro anos na Quadrilha Junina de Massacará.

Figura 1 - Casal de Noivos da Quadrilha Junina Massacará



Fonte: José Dionizio

Fotografia da apresentação da Quadrilha Massacará de Carmópolis em 2016. À esquerda, Arlene Ribeiro dos Santos e à direita, José Dionizio dos Santos Oliveira.

Atendendo a esse convite, trabalhei nos centros de convivência de idosos Maria Maciel de Brito, em Carmópolis e no Nilda Garcia dos Santos, no Povoado Aguada por quatro anos ininterruptamente. Entre os meses de julho a dezembro, desenvolvíamos atividades de dança envolvendo improvisação, processos criativos relacionando as manifestações populares com as memórias guardadas nos corpos. Busquei respeitar as individualidades e despertar a ludicidade muitas vezes privada pela própria convivência em sociedade. De janeiro a fevereiro havia recesso e entre os meses de março e junho, iniciávamos o processo de construção do ciclo junino, sendo a quadrilha a manifestação que gerava mais expectativas dentro das atividades entre eles. No mês de março se iniciavam os ensaios, ocorria a formação dos pares e casais e a elaboração do tema que estabeleceria o calendário do Serviço de Assistência Social para a organização e programação do dia da confraternização do São João no mês de junho.

Para a execução do projeto junino, eram organizadas reuniões com os idosos interessados, onde eu apresentava a proposta/tema do ano e as atividades essenciais para a realização do evento, mantendo sempre informados os responsáveis dos Centros de Convivência. Essas atividades essenciais eram divididas entre os membros da quadrilha, o que fazia com que todos tomassem a responsabilidade para si. Essa divisão era colocada em uma tabela como pode ser visto no Quadro 1.

Quadro 1- Atividades essenciais divididas entre os membros para a realização da quadrilha.

Organização	Ensaio	Administração
Divulgação nos centros dos idosos	Listas dos Casais	Registros fotográficos
Cadastro dos casais	Discussão sobre figurino	Cadastros e acompanhamento dos idosos
Organização da música	Narração e organização dos passos	Organização do local para a culminância
Preparativos para o evento	Ensaio das músicas cantadas	Confecção dos figurinos e acessórios da quadrilha

Fonte: José Dionízio dos Santos Oliveira

No decorrer dos ensaios a expectativa ficava cada vez mais forte, iam surgindo as primeiras configurações cênicas, como a “Entrada da Quadrilha” e o “Passeio dos Namorados”, direcionando-se depois para o “Grande Túnel”. Em seguida, as criações se voltavam para a “Grande Roda” e chegava finalmente na criação das sequências do “Baião”, do “Xaxado”, “Xote” dentre outras características próprias das quadrilhas juninas.

No final da quadrilha, como já mencionei na sessão anterior, era executada a “pisada” do Batalhão dos Bacamarteiros ou “pisadinha” como os brincantes chamam, que gerava muito entusiasmos, como se pode observar na fala de D. Raquel Ferreira da Silva, brincante da Quadrilha Massacará dos Idosos:

Quando chega logo a semana de São João, para nós ir brincar quadrilha, por que a gente se sente muito bem. E tem uma música da pisadinha, que a pisadinha faz a gente virá criança novamente, e quando não tem a pisadinha pra gente não foi quadrilha, a quadrilha só é boa quando tem a pisadinha. (SILVA, 2012)

Nesse momento, a minha principal preocupação junto com os grupos era a de estimulá-los e motivá-los para que permanecessem sempre com disposição de dançar e pisar com o melhor gesto e que aproveitassem o momento da melhor forma possível para que a apresentação chegasse muito bem na sua culminância e que eles pudessem levar dali uma experiência maravilhosa, apreciando cada movimento do espetáculo para suas vidas, permanecendo motivados a continuar dançando.

A forma como os idosos, com quem trabalhei, em Carmópolis e em Aguada, passaram a praticar a dança, a partir do meu trabalho com eles, fez com que a evolução dos corpos no

espaço traduzisse os mais variados sentimentos, onde a alegria sempre foi muito presente. Em realidade, o que fizemos juntos fez com que eles expressassem as suas memórias de vivências com as manifestações culturais do tempo em que eram crianças, dançando de acordo com a trajetória e condição física-motora de cada um. Além disso, percebo que eles passaram a colocar no movimento uma energia especial, fruto dos obstáculos que enfrentaram por conta da idade, que os fizeram acreditar que não mais poderiam dançar. Então, observo que o fato de terem conseguido participar, se mover com alegria, pisando e fortalecendo a musculação, melhorou a vida psicossocial e motora, e valorizou ainda mais a forma de se apresentarem expressivamente. Tudo isso mexeu com a autoestima e com a relação com suas famílias, como observa ainda D. Raquel:

A minha família não se opõe, porque é um divertimento meu, se a gente ficar em casa, pensando e colocando coisa ruim, então a gente não tem diversão. Sou uma idosa sadia com a mente limpa, entendeu! Então é isso aí, eles ficam falando que mainha parece criança, digo que sou criança mesmo, pois digo que sou sim, com os meus 68 ano e com muito orgulho e não me trocou por essas meninhas nova de hoje, eu piso eu danço. (SILVA, 2022)

Mais ainda, a prática alegre e entusiasmada termina por renovar a execução prática de diversos movimentos de manifestações culturais, como a pisada, o xaxado, a marcha, o xote, o baião e as percepções de outras danças populares que vivem dentro do seu dia a dia.

Figura 2 - Quadrilha Massacará dos Idosos de Carmópolis e do Povoado Aguada



Fonte: José Dionizio

Foto de brincantes da apresentação da Quadrilha Massacará dos Idosos em 2019

OLHE A PISADA! PI PIPI PI PIPI

Foi em 1780, quando Carmópolis, município que dista 47 Km de Aracaju, ainda era apenas um povoado chamado Rancho, que surgiu o Batalhão de Bacamarteiros. Para trazer uma breve contextualização deste grupo neste texto, apresento a seguir a descrição que pode ser encontrada no portal da Secretaria da Cultura de Sergipe. Assumindo textualmente que o grupo é uma herança viva africana da região do Vale do Cotinguiba, por conta da sua música e dança contagiante, o portal se refere ao Batalhão como:

Grupo Folclórico que surgiu por volta de 1780 nos engenhos de cana-de-açúcar do Vale do Cotinguiba, onde os negros brincavam samba-de-roda e atiravam com bacamarte, arma artesanal fabricada pelos próprios negros. O batalhão de Bacamarteiros é a maior manifestação cultural do município de Carmópolis e uma das principais expressões culturais de Sergipe...² (SECULT-SE, 2016)

De fato, o grupo exibe a riqueza da cultura africana disseminada por nossa região e é uma marca inconfundível da cultura de Carmópolis. Tradição passada de pai para filho, atualmente o Batalhão conta com cerca de 80 brincantes entre homens, mulheres e crianças e se apresenta nas festas juninas embelezando aquele município com o colorido das roupas, com o barulho dos tiros e a graciosidade da dança e dos repentes. São João e São Pedro são os padroeiros do grupo e a associação vive esse período dedicando-se às festas desses dois santos católicos, como afirma Dona Cileia Barros Oliveira, a coordenadora do grupo Batalhão de Bacamarteiros: “Passamos o dia 24 de junho todo fazendo apresentações no povoado Aguada. No dia de São Pedro vamos para Carmópolis” (OLIVEIRA, 2015).

Há mais de 200 anos que o município vem mantendo essa tradição cultural. E ela envolve música, dança e trajes específicos. No que se refere à música, os “cheios”, como são chamadas as canções cantadas pelos grupos, relatam a vida dos escravos através de suas estrofes. O ritmo se originou a partir de fluxos culturais das danças africanas, e a pisada surgiu na percepção dos compassos executados pelos instrumentistas.

Um dos principais instrumentos que arrasta a pisada dos componentes e o público é a “onça”, instrumento artesanal, popularmente conhecido como “cuíca”. Ela fornece a base rítmica para que os pés entrem corretamente nos compassos e criem seu perfil de dança. Todos os instrumentos são feitos artesanalmente pelo próprio grupo, que se utiliza de madeira de jenipapo, couro de animais e sementes. Além da onça, são utilizados o ganzá, pandeiro, caixa e incorporados, como elemento cênico e sonoro, o bacamarte e a pólvora. Para fabricá-

² Portal da SeCult-SE – Secretaria de Estado da Cultura de Sergipe, 2016.

la, o grupo utiliza carvão feito da madeira da maniva de mandioca ou da umbaúba, cachaça, limão, enxofre³ Na celebração do São João, os brincantes saem pelas ruas visitando os moradores do povoado Aguada e no São Pedro é a vez de Carmópolis receber o grupo. Nesse período os praticantes fazem o ritual do “pisa pólvora” pisando-a durante três horas sem parar. (SECULT, 2016)

Quanto aos trajes do grupo, eles são coloridos, simples e com cores que chamam a atenção, dentro do padrão do ciclo junino. As mulheres usam chapéus de palha, enfeitados com fitas de cetim e flores de tecidos. Os homens usam chapéus de couro, simbolizando uma tradição tipicamente nordestina e junina. Essa é uma tradição antiga que permanece viva. Quando questionada acerca do estilo do traje e da sua permanência nos tempos atuais, D. Terezinha Ramos dos Santos diz: “A roupa do batalhão de bacamarteiro como é antiga, é florada, as pessoas dizem: porque não muda? Porque sempre foi assim, com saia e chapéu forrado de fita, com fita. Usamos o tradicional, e o vestido aproxima-se da vida de roça.” (SANTOS, 2022)

E referindo-me ao termo tradição, esclareço que neste texto ele é entendido como aquilo que persiste do passado no presente e que quando se manifesta em celebrações culturais fortalece um sentimento de identidade e de pertença nos sujeitos praticantes. Essa identidade plantada pela tradição pode ser observada no modo como se dá a prática dos idosos na dança do Batalhão de Bacamarteiros de Carmópolis, levando em consideração a “pisada”, que implica na disponibilidade de executar movimentos que envolvem várias partes do corpo, movendo e dançando. A tradição também está presente no figurino, nas cores, nos cantos, nas letras e na melodia que faz parte do contexto dos santos do ciclo Junino. Ressalto também que cada performance apresentada pelos grupos valoriza muito mais a forma de estar presente dentro da comunidade local, ainda que para isso seja necessário às vezes vencer obstáculos que são esquecidos para que a alegria e a expressividade tomem conta da festa.

Esse foi um dos motivos que me levaram a incluir a “pisada” durante as apresentações da Quadrilha Junina Massacará dos Idosos. E ela se tornou o principal momento da finalização, aguardada por todos os brincantes. Cantando, erguendo, agachando e pisando ao som do zabumba, da sanfona, do triângulo e do apito, as apresentações se encerravam depois que todos os brincantes se despediam do público presente.

³ Informações obtidas no site do Festival do Folclore – Estância Turística de Olímpia-SP, sob o título de Bacamarteiros, Parafusos e Lavadeiras trazem o rico folclore sergipano para Olímpia, 2019.

HOJE EU VOU EMBORA, NÃO POSSO MAIS FICAR

Era o dia 29 de junho de 2022. Levantei-me às 08h30min, quando já estava ouvindo os tiros do bacamarte rodeando toda a cidade. Comecei a me organizar para ir prestigiar a maior e mais esperada manifestação do povoado Aguada, adiada por dois anos por conta da pandemia do Covid-19. Separei minha camisa xadrez, ornamentei meu chapéu com chita e fitas, coloquei minha bermuda jeans, calcei minha priquitinha⁴ e me direcionei ao encontro com minha amiga para irmos juntos. Foi a primeira vez que acompanhei esse cortejo popular de Carmópolis.

Indo em direção do grupo Batalhão de Bacamarteiros de Carmópolis/Aguada, ainda continuava a ouvir os tiros do bacamarte, o que me ajudava a ter a noção real do bairro e local por onde eles estavam passando. Logo me direcionei para o bairro Gordura, situado no mesmo município, e quando fui me aproximando, já pude perceber a multidão que ali estava. Todos pareciam felizes, vestidos com seus trajes, cantando e acompanhando o grupo. Ao chegar no exato local, vi que já estavam soltando os enormes tiros de bacamarte. Foram quatro ou cinco tiros e depois finalizaram. Em seguida, o grupo seguiu em direção do próximo bairro, onde em alguma casa com certeza já o aguardavam ansiosos por sua visita.

Figura 3 - Batalhão de Bacamarteiros / Bairro Gordura (1)



Fonte: José Dionizio. Foto do Batalhão do Bacamarteiros em cortejo no Bairro Gordura, em Carmópolis seguido de um público numeroso na festa junina de 2022

⁴ Priquitinha é um tipo de sandália, feita de couro cru e de cheiro forte, acessório muito usado nas festas juninas.

Figura 4 - Batalhão de Bacamarteiros / Bairro Gordura (2)



Fonte: José Dionizio. Foto do Batalhão do Bacamarteiros em cortejo no Bairro Gordura, em Carmópolis seguido de um público numeroso na festa junina de 2022

No caminho, o grupo, eu e as outras pessoas do público passamos pela Praça José Sampaio e subimos uma das Avenidas principais de Carmópolis. Chegando na Praça 16 de Outubro, onde está localizada a Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo, observei de cima da pequena ladeira, a grande multidão e público que acompanhava o cortejo do grupo, tomando as duas vias da avenida. Um som ensurdecedor foi tomando conta daquele espaço com a música que mais se canta durante o percurso: “*Sinhá é hoje que a palha da cana avoa... Sinhá é hoje que ela tem de avoar!*”. Naquele momento, aquela visão e audição do hino da manifestação me fez entender completamente que aquele movimento cultural faz parte das raízes daquele município e ajuda a construir uma enorme história, baseada nos fatos e contextos contados cenicamente naquele momento.

Ao chegar em frente à Igreja Matriz, enquanto os atiradores se organizavam para começar outra vez os tiros de bacamarte na praça 16 de Outubro, o grupo deu início à brincadeira de roda. Assim que o samba parou, ouvi o primeiro apito, e na sequência veio o primeiro tiro. Novamente o apito soou e veio o segundo tiro, e assim sucessivamente até a finalização dos tiros. Então, seguimos todos em direção à próxima casa, que era a do ex-prefeito Volney Leite Alves (in memória), onde tradicionalmente sempre foi feito o cortejo. Foram muito bem recebidos e ali dançaram, tocaram, apitaram e atiraram, dando seguimento

para a rua da Areia, subindo e indo em direção à próxima casa, que iria receber o cortejo e o grupo.

Chegando a um ponto da ladeira da Rua da Areia, pude perceber mais uma vez a quantidade de pessoas que acompanhavam o grupo. Iniciei uma gravação de vídeo, na qual a música contagiante, junto com os instrumentos e com o intérprete fizeram a cena daquele momento. De imediato, comecei a observar a “pisada”, tema deste Trabalho de Conclusão de Curso. Foi neste momento que tive a oportunidade de entender a emoção, a alegria e a força contagiante que parece invadir os corações dos que assistem as apresentações do Batalhão e as palavras elogiosas que eu sempre tinha escutado nos relatos dos idosos com quem havia trabalhado tantos anos.

Figura 5 - Batalhão de Bacamarteiros / Chegando na Praça da Igreja Matriz



Fonte: José Dionizio. Foto do Batalhão do Bacamarteiros em cortejo na entrada da Praça da Igreja Matriz, Carmópolis seguido de um público numeroso na festa junina de 2022

Era por volta de 17h30min, quando o cortejo chegou na Praça José Sampaio, concluindo a manifestação deste ano. Todos estavam cantando, dançando e ouvindo as músicas, com alegria e entusiasmo. Afinal foram dois anos de espera!

Figura 6 - Batalhão de Bacamarteiros / Rua da Areia



Fonte: José Dionizio. Foto do Batalhão do Bacamarteiros em cortejo na entrada da Praça da Igreja Matriz, Carmópolis seguido de um público numeroso na festa junina de 2022

E é com esta pequena descrição do cortejo do Batalhão dos Bacamareiros que vou trazendo ao final o meu relato de experiência, na certeza de que a “pisada”, presente naquele grupo e na Quadrilha Junina Massacará dos Idosos, faz (co)mover e traduzir memórias em histórias do maravilhoso mundo popular de Carmópolis. A inclusão dessa “pisada” na nossa quadrilha de idosos fez a diferença no trabalho ao qual me propus junto aos Centros de Convivência. Por sua vez, os aprendizados obtidos na minha vida universitária na UFS foram fundamentais para que eu atingisse o objetivo esperado. O conteúdo das aulas que compartilhei com aquele público de terceira idade, que envolvia práticas corporais de alongamento, improvisação, dramaticidade, estudos de espaço, composição coreográfica e rodas de conversa, foram muito mais bem estruturados e planejados por conta das partilhas do Curso de Licenciatura em Dança da UFS.

Nesse finalzinho do relato, deixo aqui a minha crença na ativação da memória da vivência de brinquedos culturais como uma ferramenta para o empoderamento e desenvolvimento de um senso de pertença em uma comunidade, assim como – e por que não? – para a (re)descoberta do potencial artístico de pessoas na terceira idade.

REFERÊNCIAS:

- BACAMARTEIROS, Parafusos e Lavadeiras trazem o rico folclore sergipano para Olímpia. **Olímpia Estância Política**, 2019. Disponível em: <https://www.olimpia.sp.gov.br/portal/noticias/0/3/4007/bacamarteiros-parafusos-e-lavadeiras-trazem-o-rico-folclore-sergipano-para-olimpia#:~:text=Representando%20o%20Estado%20de%20Sergipe,pela%20sua%20originalidade%20e%20autenticidade>. Acesso em: 15 set 2022.
- FERREIRA, Willian Adão Almeida. TEIXEIRA, Flaviana Tavares Vieira. A quadrilha junina, dança e festa: integração entre comunidade acadêmica e comunidade externa. **Revista Extensão em Foco**, Palotina, n. 26, p. 296-306, jan./jul. 2022. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/extensao/article/view/75819>. Acesso em 13 set. 2022.
- MATOS. M.F. Maria de Fátima Matos. Depoimento [out. 2022]. Entrevistador: José Dionizio dos Santos Oliveira. Povoado Aguada, Carmópolis, [s.n.], 2022.
- OLIVEIRA, C. Cileia de Oliveira. Depoimento [ago.2022]. Entrevistador: José Dionizio dos Santos Oliveira. Carmópolis, [s.n.], 2022.
- QUADRILHA Junina Massacará – 25 anos e tradição e cultura de Carmópolis. **Quadrilha Junina Massacará blogspot**, 2014. Disponível em: <https://qjmassacara.blogspot.com>. Acesso em: 15 set. 2022.
- SANTOS. I. M. Ivanete Moura Santos. Depoimento [out. 2022]. Entrevistador: José Dionizio dos Santos Oliveira. Povoado Aguada-Carmópolis, [s.n.], 2022.
- SANTOS. V. M. Volusia Moura Santos. Depoimento [out. 2022]. Entrevistador. José Dionizio dos Santos Oliveira. Povoado Aguada, Carmópolis, [s.n.], 2022.
- SANTOS. T. R. Terezinha Ramos dos Santos. Depoimento [out. 2022]. Entrevistador: José Dionizio dos Santos Oliveira. Povoado Aguada, Carmópolis, [s.n.], 2022.
- SILVA. R.F. Raquel Ferreira da Silva. Depoimento [out. 2022]. Entrevistador: José Dionizio dos Santos Oliveira. Carmópolis, [s.n.], 2022.
- SECULT-SE – Secretaria de Estado da Cultura de Sergipe. **IPatrimônio**. Carmópolis – Batalhão de Bacamarteiros. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/carmopolis-batalhao-de-bacamarteiros/#!/map=38329&loc=-10.684517999999999,-36.942704000000006,17>. Acesso em: 13 set. 2022.

APÊNDICE

ENTREVISTAS ÀS IDOSAS BRINCANTES DO BATALHÃO DE BACAMARTEIROS DE AGUADA

No dia 14 de outubro de 2022, estive no Povoado Aguada, em Carmópolis/Sergipe, nas residências de três idosas, onde cada uma me deu a oportunidade de realizar uma pequena entrevista, baseando-se no tema deste projeto de conclusão de curso. As três idosas realizaram os argumentos e permitiram que eu postasse as suas falas e imagens a seguir apresentadas.

Figura 7 - Ivanete Moura Santos



Fonte: José Dionizio (2022)

“Eu brinco no batalhão, na Quadrilha a gente brincava de tudo, tudo era bom porque animar a gente. A pisada do bacamarteiro é bom porque a gente faz manobra no corpo e pisa com os pés. Eu tinha 9 anos quando entrei no grupo, estou atuando e brincando. Domingo a gente vai para Carmópolis, participar do centenário. Olha! O batalhão de bacamarteiros é melhor do que a pisada quadrilha, porque anima muito a gente quando a onça toca, a onça é um instrumento que faz de pau. Minha roupa é um vestido estampado

rodado, a gente usa chapéu enfeitado, o calçado é um sapatinho preto. Nunca atirei no bacamarte porque tenho medo, mas tenho vontade.”⁵

Figura 8 - Volússia Moura Santos



Fonte: José Dionizio (2022)

“A pisada do batalhão para mim é muita coisa importante, porque desde que eu comecei a brincar faz parte da brincadeira da gente brinca, faz o samba de roda, que é onde tem a pisadinha, todo tipo de brincadeira a gente faz junto. Através da minha mãe, eu comecei a acompanhar minha mãe brincando também. Através do bacamarteiro, fiz parte também da Quadrilha Junina, onde também contribui muito com a pisada, com o quebra-carangueijo. Minha coisa boa e felicidade contribuiu na minha vida, através do batalhão e da quadrilha junina. As crianças, jovens e adultos, devem continuar e não parar de dançar, pois até hoje tem gente ensinando a tocar os instrumentos, a dançar, a viver o batalhão de bacamarteiros. A onça, a caixa e o pandeiro né! E o dançar são os mais principais, a roupa estampada, e usamos sandálias moleca, todas iguais, e chapéu de palha enfeitado com fita e cantamos juntos com os homens, como por exemplo: “Aiá, cadê o jarro? O jarro que eu plantei a flor. Eu vou lhe contar um caso, eu quebrei o jarro e matei a flor.” No grupo de bacamarteiro, eu fico muito feliz, porque nós somos uma família, brincando e só vou deixar no dia quando eu for embora para junto do Pai.”⁶

⁵ Depoimento de D. Ivanete Moura Santos em Carmópolis, Sergipe, 14/10/2022.

⁶ Depoimento de D. Volússia Moura Santos em Carmópolis, Sergipe, 14/10/2022.

Figura 9 - Terezinha Ramos dos Santos



Fonte: José Dionizio (2022)

“A dança do batalhão de bacamarteiro tem muito ritmo, tem um samba né! Tem o baião e tem o canto de rua, isso tudo tá lá. Na pisada do batalhão porque antes de começar o batalhão no dia 24 de São João, a gente brinca uma brincadeira de roda, que chama o samba de roda, essa dança fez parte da minha vida, porque meus pais brincavam, as pessoas perguntam quanto anos temos, mas a gente não sabe explicar, entendeu! Porque eu e meus pais já brincavam o batalhão e a gente fomos acompanhando. A pisada da quadrilha junina tem uma aproximação com a dança do batalhão, a gente não dança batalhão, porque a dança do batalhão, a gente diz que é dança, é pisada, mas a gente não dança, a gente antigamente chamava pular batalhão, Pulando entendeu mas os pés também porque a batucada peguei chama o jeito da gente sambar no ritmo da batucada na quadrilha eu brinquei só nos idosos então a quadrilha só é bom quando tem um bom marcador tem umas pessoas que dança bem outras não e eu não conheço bem o que a gente se amava na quadrilha na hora do Quebra caranguejo aqueles batiam os pés para tirar umas mãos a dança do batalhão me deixou conhecida como Terezinha pois quando eu chego nos locais já grita logo Terezinha! Terezinha! Isso fez com que eu tivesse mais contato com as pessoas dentro através do Samba da Pisada através da brincadeira de roda, com a música: “Mariá! Ô Mariá, bote água na roseira, ô Mariá, para a rosa não murchar, ô Mariá”, aí vou colocando meus versos: “Quem quiser me conhecer, ô Mariá, tem que aprender a soletrar, ô Mariá, e té é té é mar e mar ô Mariá”. A roupa do batalhão de bacamarteiro como é antiga, é florada, as pessoas dizem: porque não muda? Porque sempre foi assim, com saia e chapéu forrado de fita, com fita. Usamos o tradicional, e o vestido aproxima-se da vida de roça. Os instrumentos que o batalhão usa tem: o ganzá, o pandeiro, a caixa e tem a onça, que se chama cuíca. O som da Cuíca conhecida como onça transmite é bem parecido com o rugido da onça. O pandeiro e a caixa também acompanha o ritmo com as

almas e as pisadas, tem aquela música: “Olêlê! Olálá! Bate no pandeiro, balança o ganzá. Olêlê! Olálá! Bate no pandeiro, balança o ganzar”. A dança do batalhão hoje, representa só alegria, porque quem gosta, até os velhinhos de Aguada, quando diz: Olhe o Batalhão! Todas as portas se abrem, a família já espera, uns espera com canjica, outros com arroz doce, com a farofinha, eu mesmo saio com minha sacolinha, com a farofinha aí eu digo: Olha a farofinha! Para passar o dia todo comendo e dançando. Domingo agora, vamos dançar em Carmópolis, comemorando o centenário do município, e meu pai tinha 121 anos e minha mãe 122, essa brincadeira já vem desde quando meu pai era criança, quantos anos né, temos?”.⁷

Figura 10 - Maria de Fátima Matos



Fonte: José Dionizio (2022)

“Sou Maria de Fátima, frequento os idosos e danço quadrilha a oito anos, e me sinto muito elogiada e tenho muito amor, ao meu quadrilheiro que ele saiu, sinto muita falta dele lá, por não estar conosco. Falta muito, muito Por que ele é uma pessoa maravilhosa, respeitoso e tem muito carinho e muito amor pra dá para nossas idosas. Gostaria que ele voltasse de novo com a quadrilha, pra eu frequentar. A pisada é uma coisa maravilhosa, apesar que eu não aguento não posso pisar com que tem um problema, mas é uma coisa muito divertida para a gente da 3ª idade é uma coisa maravilhosíssima. Eu queria poder dançar mas não posso, mais o meu forró eu não Deixo. A melhor parte para mim é o xaxado, gosto muito daquela dança, me sinto maravilhosa, apesar que esse ano não pude dançar mais me emociono muito, quando eu danço com minhas colegas. O xaxado é muito bom muito gostoso pra gente dançar e apreciar, oferece muito amor, muita alegria para gente da 3ª idade, é uma coisa maravilhosa, quisera que todas colegas fosse assim igual a mim alegre radiante. Quando a gente entramos

⁷ Depoimento dado por D. Terezinha Ramos dos Santos em Carmópolis, SE em 14/10/2022

na nossa quadrilha pra dançar agora mesmo estou vestida da Rainha do milho já foi a noiva, já participei de muitas coisas dos meus idosos, pretendo me apresentar se Deus quiser como 70 anos, que Deus nos abençoe e nos proteja amém. Meus filhos acham maravilhoso, sempre dizem: mãe não Deixe de brincar, que a senhora gosta muito de brincar, a senhora é uma guerreira batalhadora, brinca mas não esquece de tudo na sua vida.⁸

Figura 5 - Raquel Ferreira da Silva



Fonte: José Dionizio (2022)

“Me chamo Raquel Ferreira da Silva, tenho 68 anos, desde 2012 que eu participo dessa atividade, dessa quadrilha maravilhosa, que a gente se sente muito bem e participando. Quando chega logo a semana de São João, para nós ir brincar quadrilha, por que a gente se sente muito bem. E tem uma música da pisadinha, que a pisadinha faz a gente virá criança novamente, e quando não tem a pisadinha pra gente no foi quadrilha, a quadrilha só é boa quando tem a pisadinha. A minha família não se opõe, porque é um divertimento meu, se a gente ficar em casa, pensando e colocando coisa ruim, então a gente não tem diversão. Sou uma idosa sadia com a mente limpa, entendeu! Então é isso aí, eles ficam falando que mainha parece criança, digo que sou criança memso, pois digo que sou sim, com os meus 68 ano e com muito orgulho e não me trocou por essas meninhas nova de hoje, eu piso eu danço. Dançar quadrilha significou alguma coisa muito importante na minha vida, primeiramente a gente sem Deus não somos ninguém né, então mais a gente temos que ter uma diversão para

⁸ Depoimento dado por Maria de Fátima Matos no povoado Aguada, Sergipe, 14/10/2022.

nós se divertir, distraí bem muito também tem a minha quadrilha tranquila eu brinco com minha quadrilha, sussegada e tranquila, conheço muita gente, muita gente me conhece, e eu gosto muito de todos, me abraçando, passando a maior alegria. Através do nosso querido Dionizio que temos isso.”⁹

⁹ Informação fornecida por D. Raquel Ferreira da Silva, povoado Aguada, Sergipe, SE, 14/10/2022